

H6  
6662 <sup>10</sup>

10.

# SERMAO NAS EXEQUIAS

Da Serenissima Rainha de Portugal  
**D. LUIZA FRANCISCA  
DE GUSMAM,**

*CELEBRADAS*  
na Sé de Leiria no anno de 1666.

*PREGADO*  
Pelo M. R. P. Fr. LUIZ DE S. FRANCISCO,  
Missionario, e Leytor Apostolico de Moral,  
Cronista, e Filho da Provincia Observante  
de Portugal de N. P. S. Francisco,



**LISBOA.**  
Na Officina de JOAM DA COSTA.

*Com todas as licenças necessarias.*

Anno 1667.

SERMAO  
NAS EXEQÜIAS

D. LUIZA FRANCISCA  
DE GUSMAO

CELEBRADAS  
na Se de Leiria no anno de 1666.  
PRESENTE  
Pelo M. R. P. FELIX DE S. FRANCISCO,  
Missionario, e Superior Apostolico de Moal,  
Coadjuvado pelo P. J. de Oliveira,  
de Portugal de N. P. S. Francisco,



LISBOA.  
No Officio de JOAM DA COSTA.

Com todas as licenças necessarias

Anno 1667.

*Judith præclarior erat universæ terræ Israel: defuncta est, ac sepulta in Bethulia, luxitque illam omnis populus. Judit cap. ultim.*



**M**ateria grave, triste assumpto, e lugubre empenho, muyto merecedor de eterna memoria, e sentimento eterno he este, que hoje se vos reprelenta nesse tumulto sumptuoso, nesse estendarte negro, nessa funesta Coroa, nessas hoje tristes Armas Reaes ao redor dessa pira, e mausoleo penduradas. Reparay bem, ó fieis Portuguezes, nessa funeral pompa, que ahi vedes. Consideray bem, ó leaes vassallos, nesse tumulto honorario, que ahi tendes. Ponderay bem, ó verdadeyros Catholicos, esse triste theatro coberto de negros lutos entre estas paredes, e columnas funesta, e luctuosamente armadas, e dizeime, que outra cousa vos adverte, e enfina, mais que huma tragica representação de hum certo desengano a todos os mortaes, e de hum termo infallivel hoje mais particular a to-

das as Magestades mais soberanas? Esse theatro da morte, que vedes, todos esses negros lutos, essas luzes funeraes, e aquella Coroa, fabeu, que nenhuma outra cousa vos está intimando, prégando, e persuadindo com sua mude eloquencia, e rhetorico silencio, senão a causa de nossas lagrimas, o motivo de nossos sentimentos, e a justa razão de nossas tristes saudades, que toda se encerra na morte da Senhora D. Luiza Francisca de Gusmaõ, nossa Rainha que foy atégora, a qual depois de nos governar no discurso de quatro annos por morte do seu consorte o Senhor Rey D. Joaõ o IV. de eterna, e saudosa lembrança, e depois de se retirar ao seu mosteiro de Agoftinhas Capuchas, que fundou junto a Xabregas fóra da Cidade, entregando o governo do Reyno a seu filho o Senhor Rey D. Affonso o VI. que hoje de presente nos governa, reynando com tanta felicidade, como he notorio: depois, digo, que viveo recolhida neste seu penitente retiro por tempo de tres annos, mais com os apertos asperos de Religiosa, que com pompas magestosas, e delicias de Rainha, foy Deos servido querer dar-lhe os premios muy devidos a seus grandes merecimentos, tirando-a desta vida para a ter com-

figo na gloria , que assim o confio eu da divina bondade , e piamente do modo de sua morte assim o creyo , deyxando-nos a todos os Portuguezes seus fieis vassallos nesta sua ausencia muyto faudosos , e tristemente sentidos. Exequias , e honras funeraes chamárao os Antigos a estes pios , e religiosos cultos dedicados aos defuntos em testemunho da leal affeição , que conservavao depois da morte , assim como a haviaõ professado na vida , e para abono qualificado da amorosa lembrança , que no coração se continuava. O que supposto ; a quem mais devidos estes amorosos cultos , que a huma Rainha nossa defunta , a quem sempre seus vassallos foraõ sempre , e seraõ eternamente devidores pelos acertos , com que nos governou cinco annos ? Lembra-me a mim , que em acção semelhante a esta disse S. João Chrystomo , que o verdadeiro prégador era o defunto , e o thema do sermaõ era o funebre theatro : *Causa pro doctore fuit* ; e assim para bem houvera eu agora de me descer entregue todo só a sentir ; porém como a obediencia me obrigou hoje a subir a este lugar , he força que do melhor modo , que me der lugar o sentimento , faça sobre as palavras do nosso thema hum lastimoso discurso.

Con-

Contém as palavras, que do nosso thema ficaõ repetidas, a morte daquella famosa, e afamada matrona Judith, regente, e libertadora dos moradores da Cidade de Bethulia, cuja vida foy exemplar de virtudes a todo o povo, e cuja morte foy motivo de amargo sentimento a todo o Israelita de Bethulia *Judith præclarior erat univèrse terræ Israel: defuncta est, luxitque illam omnis populus.* Não vi retrato mais proprio para accõmodaçãõ similitudinaria, do que este de Judith para a nossa defunta Rainha Judith Portugueza, não só em quanto às acçoens da vida, se não tambem em quanto ao modo da morte, e luctuoso sentimento do povo. Ora vamos examinando as cores, e as tintas das pinturas, e por ellas conheceremos os realces, que faz a nossa pintura Portugueza à pintura Israelitica.

*Judith præclarior erat univèrse terræ Israel:* Judith ( diz o Texto sagrado ) era hum exemplar de virtudes, nella se ajuntáraõ os dotes da natureza, e as virtudes com singularidade, de tal sorte, que era a consolação de todo o Reyno de Israel. Se agora quizerem saber quaes eraõ estas virtudes, e perfeiçoens, em que a todos se aventajava, e ella mais se esmerava, leyaõ os capitulos a este nosso antecedentes, e acharãõ tudo

tudo mais claro. Diz o cap. 8. que a generosa Matrona Judith era muyto perfeita nos acertos, com que tudo obrava, e isto procedia de ser muyto temente a Deos: *Erat in omnibus famosissima, quia timebat Dominum valde*; e com muyto fundamento assim o diz o Texto sagrado, porque naõ ha duvida, que quem traz o temor de Deos nos olhos, tudo quanto obra he coim muyta perfeiçãõ, e acerto. David o disse: *Initium sapientiæ timor Domini*. Mas provemolo para ficar mais qualificado este discurso.

Manda Deos a Moysês, que vá prégar, e persuadir Faraó, para que dé liberdade ao povo Israelitico, que estava no cativeiro: hia Moysês caminhando pela estrada, quando Deos disfarçado lhe sahio ao encontro, fingindo que queria matallo: *Cumque esset in itinere, occurrit ei Dominus, & volebat occidere eum*. Pergunto: A que fim faria Deos esta demonstraçãõ? Com que intento? Lipomano solta com agudeza a duvida: *Id totum factum est, ut Moyses, qui Pharaonis timore correptus erat, tamquam à Deo interficiendus, mortis suæ discrimen, quam evaserat, secum inferret in mente, & clavo clavum truderet*. Elegantiſſimas palavras. Querem dizer no nosso idioma: Queria Deos, que Moysês fizesse a embaxada

Quem tem  
temor de  
Deos, em  
tudo quan-  
to faz acer-  
ta. Exod.

Lipom.

xada com muytos acertos , e achou Deos, que para isso lhe havia de meter no coração o temor divino ; e para que Moysés o tivesse , por isso fingio na estrada , que queria matallo. Não ha mais dizer ao nosso intento. Daqui nasceo tambem , que indo Jonas fugindo medroso para Joppem, quando Deos o mandava para Tharsis , indo já embarcado em hum navio , por causa de huma grande tempestade, que se levantou, pedio aos marinheyros, que o lançassem ao mar : *Mittite me in mare* , e permitio Deos esta tempestade , para que nella tivesse o temor divino , como elle mesmo o disse: *Dominum Deum cæli ego timeo* , e por isso com este divino temor obrou tantas maravilhas , e fez em Ninive tantos acertos de prodigiosas conversoens. Oução ao douto S. Zeno : *Timens Dominum , spontaneum non timet naufragium*: e S. Agostinho accrescenta : *Timor Domini spiritus fortitudinis , & scientiæ : timeamus ergo , ut non timeamus* : e em conclusão o Espirito Santo o affirma no Ecclesiast. melhor que todos : *Plenitudo sapientiæ timere Deum , corona sapientiæ timor Domini replens pacem , & salutis fru-*

O temor de *etum.*

Deos que tinha a Rainha N. S.

Sendo pois isto affim, muyto perfeyta , sabia , discreta , e valerosa foy em tudo , quanto obrou



obrou no tempo do seu governo, a nossa famosissima Judith Portugueza, a Senhora Rainha D. Luiza Francisca, que Deos tem, pois he muy notorio em todo o Reyno como foy tementé a Deos. Daqui resultava ser taõ escrupulosa na resoluçãõ dos negocios occurrentes, que ainda nos de menor importancia, e de que já tinha algumas experiencias, se naõ atrevia a resolvellos, sem tomar primeiro conselho com os Ministros mais expertos, e ouvir lhes os votos, advertindo-os por algumas vezes, que ella por ser mulher o naõ entendia, e que por isso nelles desencarregava sua consciencia. Daqui resultava tambem, que gastava muytas noytes inteyras estando nos despachos desvelada, só por naõ dilatar os negocios das partes, até chegar a mandar fazer deprecaçoens divinas por varios servos de Deos, para que naõ errasse no acerto de suas resoluçoens: e daqui finalmente resultou, que muy poucas foraõ as suas resoluçoens, em que se lhe puzesse nota com racional fundamento no discurso de cinco annos do seu governo: e dado caso que alguma nota houvesse em alguma sua resoluçãõ, nestas naõ foy a culpa sua, senaõ de quem com malevolõ coraçãõ a aconselhava, sem que ella o entendesse,

seguindo em boa fé estes conselhos; e se o erro nestes termos ainda no juizo de Deos não he peccaminoso, mal podia ser no juizo humano culpavel. Pelo que com muito fundamento lhe podemos applicar as palavras, que o sagrado Texto diz de Judith: *Erat in omnibus famosissima, quia timebat Dominum valde.*

Ainda eu accrescento a respeyto deste seu temor divino, q̄ era tão grande, que por causa del-  
le rompia por tudo, e se mostrava totalmente irrespectiva nas materias, que por qualquer modo tocavaõ á honra de Deos, e reformação da Igreja Catholica, não podendo sofrer que houvesse offensas divinas publicas, e escandalosas, mandando logo applicar os remedios convenientes, como em effeyto se vio em varias occasioens gravissimas, que se lhe communicáraõ, dizendo nellas, que primeiro estava a honra de Deos, que toda a conveniencia humana, e desta forte sem accepção de pessoas por tudo rompia. Oh zelo de hum coração verdadeiramente Real, Catholico, e muito temente a Deos! Atéqui temor de Deos, e zelo da honra divina; mas nada disto me admira, quando considero ser Rainha Portugueza, e ao nosso Reyno por Deos dada, porque das Rai-  
nhas

nhas Portuguezas , e das que saõ por Deos dadas , foy sempre este zelo , e temor divino muy particularmente proprio. Eu mostrarey brevemente tudo. Quanto ás Rainhas Portuguezas , lede nossas Chronicas , e achareis pasmos , e asombros.

As Rainhas,  
e Princezas  
Portuguezas foraõ  
muy tementes  
a Deos.

Achareis nas nossas Chronicas huma D. Teresa Rainha de Leão , e huma D. Mafalda veneradas por Santas : a Rainha D. Urraca , a quem em Coimbra falláraõ os nossos Santos cinco Martyres de Marrocos , indo de caminho para o martyrio, certificando-a de sua morte , quando viffe os seus ossos vindos de Marrocos : huma D. Constança filha da Rainha S. Isabel, que morreo Rainha de Castella, e appareceo depois de morta á Rainha Santa sua mãy, segurando-a de que estava no Ceo : huma D. Elena de Santo Antonio , filha de ElRey D. Affonso o III. a Infanta D. Sancha , a quem nos seus paços de Alcanquer , que hoje he Mosteiro Franciscano , e conserva a benção Serafica , que lhe lançou o Serafico Patriarca , que sempre nelle haveria Frade , que guardasse pontualmente a sua Regra Serafica , e aqui no dia do martyrio apparecêraõ os Santos cinco Martyres gloriosos a esta Infanta , desempenhando a palavra, que disto

Os Reis q  
saõ dados  
por Deos,  
saõ muy tementes  
a Deos.

lhe haviaõ dado : a Infanta D. Joanna , filha  
 delRey D. Affonso o V. que conserva particu-  
 lar veneraçãõ , e disto não ha que elpantar ,  
 pois veyo sempre herdado nos nòs os Reys de  
 pays para filhos. Começay por ElRey D. Affon-  
 so Henriques , e continuay por dezoito Reys ,  
 que tem reynado em Portugal , e achareis pro-  
 digios nesta materia. Dizeime : Quem foy des-  
 cobrir o berço , em que nasce o Sol na India , e  
 na China , só para dilatar a Fé Catholica , e a  
 honra de Deos ? Quem descobrio o novo mun-  
 do da America ? Quem lançou fóra os Mouros  
 dos Reynos de Portugal , e de Galiza , e os aju-  
 dou a lançar fóra de Hespanha á custa de tanto  
 sangue Lusitano derramado ? Quem , senão os  
 Reys Lusitanos ? Este zelo Catholico foy o que  
 levantou dentro do nòsso Reyno esse novo  
 Templo de Salamaõ situado na Batalha , como  
 lhe chamou hum eminente homem estrangei-  
 ro : esse Escurial de Belém taõ magnifico , que  
 assombra a todos os estrangeiros mais enge-  
 nhosos : esse realengo Mosteyro de Alcobaça  
 com o seu Lausperenne do louvor divino , se-  
 nhor de sete Villas , e aguas ao mar vertentes ,  
 e outros semelhantes Templos , e Mosteyros ,  
 que querer referillos seria querer recolher o  
 mar

mar em pequenas conchas. Sendo pois tudo isto assim, bem digo eu, que no zelo da honra de Deos, e temor divino mostrou a Senhora Dona Luiza, Rainha, que Deos nos levou, ser verdadeiramente Rainha Portugueza, e bastava ser mulher de hum Rey tão pio, Catholico, e zeloso da honra divina, como foy o Senhor Rey D. Joáo o IV. de eterna, e saudosa memoria, por Deos dado, e mãy de hum Principe o Senhor D. Theodosio, que com tão grande opiniaõ de virtude nos levou intempestivamente a morte, mas não poderá tirarnos a sua triste saudade, e assim por todos estes fundamentos bem mostrou em sua vida, e governo, que não degenerou das Rainhas Portuguezas suas antecessoras. Vejamos agora como mostrou ser Rainha por Deos dada, e da mão de Deos.

Os Reys, que são por Deos dados, e são da mão de Deos, observaõ inviolavelmente duas qualidades, convém a saber, zelo da honra de Deos, e temor de Deos. Quem foy mais Rey dado por ordem de Deos, que David, pois em lugar do cajado de pegureiro lhe meteo nas mãos o cetro, e lhe entregou o Reynado Israelitico pelo seu Ministro Samuel: *Tulit Samuel cornu olei, & unxit eum in medio fratrum*. E qual seria

Os Reys q  
são dados  
por Deos,  
são muyto  
tementes a  
Deos.

seria o empenho de David neste seu reynado? Elle mesmo o diz. O zelo da honra de Deos, que lhe roía as entranhas: *Zelus domus tuæ comedit me: tabescere me fecit zelus tuus*; e o temor de Deos: *Timor, & tremor venerunt super me: Audite filij timorem Domini, docebo vos*. Desorte, que o temor de Deos, e o zelo da honra de Deos eraõ o total empenho deste Rey. Agora se entende bem o mysterio, que teve mandar Deos, que quando se ungissem os Reys de Israel, no tempo, em que lhe punhaõ a Coroa na cabeça, entaõ em lugar do cetro lhe metiaõ na mão o livro da Ley divina, que assim o fez o Sacerdote Jojada a ElRey Joas: *Produxit filium Regis, & posuit super eum diadema, & testimonium in manu ejus*, dando nisto a entender o zelo, e temor divino, que deviaõ ter na observancia da Ley divina, e honra de Deos, como Rey por Deos dado. E finalmente, Christo verdadeiro Rey, e exemplar dos Reys, sem embargo de ser manso Cordeiro: *Ecce Rex tuus venit tibi mansuetus*, com tudo levado do zelo da honra de Deos, e do seu Templo, pegou de humas cordas, e açoytou a huns Judeos contratantes, que achou comprando, e vendendo no Templo: *Apprehendit funiculos, & ejecit ementes, & vendentes de*  
 Templo,

Templo, de forte que dissimulou perderemlhe o respeyto querendo apedrejallo: *Jesus autem abscondit se, & exivit de Templo*, mas não quiz dissimular profanarse a Casa de Deos. Que cousa esta tão propria para as acçoens da nossa Rainha defunta, que temos insinuado, nas quaes mostrou o seu grande zelo irrespectivo a toda a conveniencia humana sem accepção de pessoa alguma, qualificando por este modo ser não só verdadeira Rainha Portugueza, mas Rainha Lusitana por Deos dada, por quem podemos dizer segundo isto: *Etenim manus Domini erat cum illa*, que era dada da mão de Deos, e a mão de Deos andava com ella, e que por isso em tudo, quanto obrou, acertou, e pelos acertos do seu governo ficou afamada, como aquella Judith antiga: *Et erat famosissima in omnibus, præclarior univèrse terræ Israel.*

Outra circumstancia muyto notavel aponta tambem o mesmo cap. 8. da famosa Matrona Judith, e he a seguinte. Diz, que sendo magestosa no aspecto respectivo, era muyto affavel nas palavras, e muyto formosa nas feyçoens naturaes: *Non est talis mulier super terram in aspectu in pulchritudine, & in sensu verborum*; e com razão muyto nota o Texto advertidamente estas tres

He proprio de Reys a formosura da cara, e palavras brandas,  
cir-

circunstancias, porque não ha duvida, que com ellas realça muyto hum real fugeyto, e he credito da Coroa estar com estes tres requisitos ornada. Ora vejaõ como o divino Esposo assim o entendeo em hum gabo, que deo à Alma santa acabando de a chamar para coroalla: *Veni, Sponsa mea, veni de Libano, veni, coronaberis.* Notem agora o que logo accrescenta: *Quàm pulchra est amica mea, vox tua dulcis, & facies tua decora nimis.* Tendesme roubado o coração, e vejovos com qualidades proprias de Rainha, porque nas feyçoens do rosto tendes a gentileza, no gesto da pessoa a magestade, e nas palavras a brandura: agradais com o rosto, fazeisvos respeytada com o gesto grave, e rendeis os coraçãoens com as palavras brandas, requisitos estes todos merecedores de coroarvos. Provemolos repartidamente, para ficar este discurso mais bem fundado. A gentileza do rosto he particular especie da regalia. Assim o diz bem expressamente David: *Specie tua, & pulchritudine tua intende, prosperè procede, & regna.* Apareceo Christo no monte Thabor a seus sagrados discipulos taõ formoso, e galhardo, que o seu rosto dava mate ao Sol, quando em rayos mais luzido: *Resplenduit facies ejus sicut Sol,* e os seus vestidos es-

tavaõ

A gentileza do rosto he especie de regalia.



tavaõ mais branqueados do que a neve mais pura: *Vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix*, e neste mesmo tempo appareceo, e se ouviu a voz do Padre Eterno, que testemunhou manifestamente ser Christo seu unigenito filho: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui*. Pergunto agora: Porque razãõ faria o Padre Eterno esta demonstraçaõ taõ authorizada? Porque só nesta occasiaõ, e não em qualquer outra? A razãõ a meu ver foy, porque vio a Christo nesta occasiaõ muyto formoso, e galhardo, e como o Eterno Padre he Rey dos Reys, Senhor dos Senhores: *Rex Regum, Dominus dominantium*, claro he, que sendo Jesu Christo seu verdadeiro filho, he Principe supremo deste Reynado, e como isto affirm seja, por isso nesta occasiaõ, em que o Padre Eterno vio a Christo taõ formoso, o acclamou filho de Rey, Principe supremo, porque anda a regalia vinculada à formosura, e gentileza. Tem visto o requisito da formosura, vejaõ agora o do gesto decoroso, e grave.

Na occasiaõ, em que o divino Esposo convidou a Alma santa para coroalla: *Veni, Sponsa mea, veni de Libano, veni, coronaberis*, gabou-a por este modo: *Decora tamquam Jerusalem*. Ten-

O gesto decoroso, e grave he especie da regalia.

Domina  
gentium  
princeps  
Provincia-  
rum. Jer.

des o gesto tão grave, e decoroso como a Cidade de Jerusaleem: *Decora tamquam Jerusalem.* Pergunto: Porq̄ seria tão decorosa esta Cidade? Porque encerraria em si tanta magestade? Di-  
rey: Era Jerusaleem Princeza suprema entre todas as Cidades, como testimunhaõ todos os Expositores das letras sagradas; e como era esta, por isso era no gesto tão grave, e decorosa, e por isso o divino Espoço querendo coroar a Alma S. comparou-a ao decoro grave desta Cidade: *Decora tamquam Jerusalem*; porque não ha duvida, que he parte, e requisito muy preciso da regalia ter o gesto grave, e decoroso. E sendo tudo isto assim quanto à gravidade do gesto, tambem a mesma moeda corre na brandura, e affabilidade das palavras, porque tambem he parte effencial da regalia. Eu o mostro. Vio S. João entre as mais visões do seu Apocalypse a huns anciaõs, que tinhaõ coroas nas cabeças, e nas mãos tinhaõ citharas em lugar de cetros: *Coronæ aureæ in capitibus eorum, & singuli habebant citharas in manibus suis.* Pergunto: Se estes anciaõs mostraõ q̄ são Reys nas insignias das Coroas, porque não tem tambem as insignias do Reynado, que são os cetros? E porque tem em lugar dos cetros citharas? E que semelhança

As palavras  
brandas são  
especie da  
regalia.

podem ter as citharas com os cetros? Direi. As citharas são huns instrumentos muyto sonoros, doces, e brandos naturalmente, e com huma penna apontada brandamente se tocaõ para mayor suavidade, e tambem pelo seu modo fallaõ, porque tocados costumais dizer delles, que tem boas vozes, muy sonoras, e brandas; e como isto assim seja, por isso estes anciaõs tendo Coroas nas cabeças, tinhaõ citharas nas maõs, mostrando por este modo, que he requisito muy proprio da regalia ter as vozes muy brandas, as palavras muy suaves, e affaveis: *Coronæ aureæ in capitibus eorum, & singuli habebant citharas in manibus suis.*

Temos visto, e provado os tres requisitos, que são muy propios, e inseparaveis da regalia. Estes mesmos se experimentáraõ com muyta singularidade na Real pessoa da Senhora D. Luiza Francisca de Gusmaõ nossa Rainha, que Deos nos levou: nella se viraõ todos juntos com eminential propriedade; porque teve primeiramente a formosura do rosto junta com o talhe proporcionado do corpo muy ayroso: assim o testimunháraõ os olhos dos que a vimos, e nisto mais me não dilato, porque me parece, que cabalmente a descrevo com dizer, que a

Estes tres  
requisitos  
teve a Rai-  
nha N. S.

formosura , e gentileza do corpo andava em travada competencia com a formosa belleza de sua alma, como já disse Clem. Alex. *Pulchritudo optima in corpore est pulchritudo animæ* ; e teve a gravidade magestosa no gesto , porque naturalmente se fez sempre muy respeitada. Digga-o a occasião, em que por morte do seu conforte o Senhor Rey D. João o IV. nossa sempre viva , e memoravel saudade, ficando viuva , e estrangeyra com todo o pezo do governo Monarquico , com hum sobrenatural valor , que todos experimentámos , e de que todos então tanto nos admirámos , já mais houve vassallo , que se atrevesse a perder nem por sombras o decoroso respeito , que a sua Real Magestade se devia , presidindo nos Conselhos de Estado com tanta prudencia , e magestade , assim nos negocios , e expediçoens da guerra viva com Castella , como nos mais negocios do governo politico do Reyno , vencendo , e dissimulando o sentimento funesto com o valor do coração tão dilatado , para não faltar às obrigaçoens de Rainha Regente do Reyno, em que com a magestosa pessoa se fez sempre muy respectiva ; e sendo isto assim , igualmente foy de todos muy querida , e amada, porque entrando todos a fallar-lhe

larlhe com o temor, que inculcava o titulo de Rainha, achavaõ tanta consolação, e sahiaõ de sua Real presença taõ contentes, como se estiveraõ fallando com huma mãy, de sorte que entrando os pertendentes temerosos, taes eraõ as vozes, que ouviaõ nesta real cithara animada com palavras taõ doces, e brandas, que todos sahiaõ muy satisfeytos. Assim unia a Real Magestade com a maternal ternura, que se fazia temer como Rainha, e amar como mãy, sendo huma cithara racional nesta uniaõ muy bem temperada. Não posso em taõ breve tempo referirvos prodigiosas acçoens suas, que comprovaõ esta verdade, e sómente referirey duas, pelas quaes colhereis as mais.

Nã occasiaõ, em que o inimigo tinha sitiado o cerco de Elvas, estando tambem o nosso exercito em campanha, mandou a Senhora nossa Rainha vestidos a todos os Soldados, e para os feridos, e doentes doces de varias castas, e muyta quantidade de fios feytos pelas suas maõs reaes, e pelas das suas Damas; e o mesmo fez em outras semelhantes occasioens. Houve hum motim em huma Cidade deste Reyno sobre o tributo novo do papel sellado, e sabendo delle esta Senhora, com hum notavel valor mandou

A compaixão que teve como se fora mãy.

vir

vir da fronteira tropas de cavallos, para assim focegar este povo amotinado; e vindo, mandaraõ pedir perdaõ do torpe desatino cõmetido por gente plebea indiscursiva, e logo a dita Senhora, que estava como leaõ, se trocou em mansidaõ de cordeyro, mandando voltar logo as tropas, e dando perdaõ aos delinquentes; e porque certo Ministro reparou nisto, dizendo, que o perdaõ naõ convinha a respeyto do exemplo, que outros tomariaõ: respondeo, que aos Reystocava conservar, e naõ destruir. Oh resposta digna de eterna memoria! Nisto me parece, que imitou o dictame do Rey do Ceo, porque os verdadeyros Reys da terra devem imitar as acçoens do supremo Rey da gloria. Vejamolo: Vio S. Joaõ que do trono de Deos sahiaõ trovoens, rayos, e relampagos: *Et procedebant de throno fulgura, & tonitrua.* Diz Saõ Paulo: *Accedamus ad thronum Dei, thronum gratiae, & misericordiae:* Corramos ao trono de Deos, que he todo de graça, e de misericordia. Aqui a difficultade. Pergunto: Qual neste dizer se engana, S. Joaõ, ou S. Paulo? Se o trono de Deos encerra a ira divina de trovoens, rayos, e coriscos, como he todo benigno de favores, e misericordias? Ha cousa mais encontrada que isto, e aquillo?

O Principe  
perfeito ha  
de mostrar  
rigor, mas  
os effectos  
haõ de ser  
brandos.

e aquillo? Como pois havemos de conciliar esta antinomia de textos taõ encontrados? Respondo com o que fica dito. O trono deste supremo Rey da gloria na apparecia dos ameaços he todo de ira, porém na realidade todo he de misericordia; parece hum, e he outro. Da mesma forte a Senhora Rainha similitudinaria parecia leão nos ameaços, e era cordeyro na realidade, temperando o rigor com a brandura, de forte que não faltando ao respeyto da Magestade de Rainha, usava amorosas piedades de mãy, prevalecendo nella mais esta, do que aquella; e nada disto me admira, pois era Rainha Portugueza, e por Deos dada, e propriedade foy sempre da regalia Lusitana prezarem-se os Reys Portuguezes de serem mais pays de filhos, que Reys de vassallos. Vejamolo nas nossas Chronicas.

Estando o nosso Rey D. Affonso o V. na batalha do Touro taõ affamada em campanha descoberta có El Rey D. Fernando de Castella, blasonou hum Fidalgo Castelhana, que o partido de Castella era muyto mayor que o de Portugal. Ao que respondeo o Rey Castelhana: E isto que monta, se eu trago vassallos, e El Rey de Portugal traz filhos? Estudava em Coimbra o filho

O vitorioso  
teve a Rainha  
N. S.

Os Reys de Portugal  
prezaraõ-se  
sempre de  
serem mais  
pays do que  
Reys.

o filho de hum Fidalgo, e veyo à noticia d'El-Rey, que este estudante faltava muyto no estudo por se occupar no jogo; escreveu logo El-Rey, que era D. João o III. huma carta ao Reytor da Universidade, na qual lhe dizia assim: Sey que fulano falta muytas vezes no estudo, avisaylhe da minha parte, que logo se emende, e sennaõ, que mandarey castigallo. Que mais podia fazer hum pay a hum filho? Veyo certo fidalgo da Corte pedir a El-Rey D. João o II. hum officio, que vagou na Beira, para o dar a hum seu afillhado, e respondeolhe El-Rey: Vief-tes tarde, que já está dado a quem toca: e puxando de hum rol, que tinha, nomeou a hum homem ordinario da Beira, a quem pertencia. Que vos parece? He isto ser pay de filhos, mais que Rey de vassallos? Muytos outros exemplos trouxera, se o tempo desta oração fora capaz de tão larga digressão. Eis aqui pois quaes eraõ os Reys Portuguezes, e assim bem digo eu, que mostrou evidentemente a Senhora Rainha, que Deos tem, ser verdadeyra Rainha de Portugal, ao nosso Reyno por Deos dada, pelas circumstancias, que ficão apontadas; e por isso como Abfalaõ roubava os coraçõens de todos seus Vassallos: *Furabatur corda virorum Israel*, com a  
 o filho  
 gazua



gazia de sua brandura maternal: *Blande loquebatur omnibus*; e em conclusão, justamente lhe competem as palavras de Judith no nosso thema: *Non est talis mulier in universa terra Israel.*

Agora cabia aqui ponderar o raro sofrimento, com que ouvia as partes nas audiencias, consolando a todos, e valor, que mostrou nos successos adversos da guerra, acodindo às conduções militares com todos os aprestos necessarios, como se fora hum soldado nas campanhas muy experto, conseguindo em seu tempo aquella sempre memoravel batalha das linhas de Elvas, levantando o inimigo o cerco do cordão, que tinha posto, e fugindo vergonhosamente, deyxando toda a artelharia, e bagagem, pela qual se lhe pòde cantar com muyto fundamento, o que os moradores de Bethulia cantáraõ á nossa Judith do nosso thema, quando trouxe a cabeça de Holofernes cortada: *Tu gloria Jerusalem, tu letitia Israel, tu honorificentia populi nostri.* Naõ he possivel ponderarmos todas estas acções, sendo que cada huma dellas he muyto para ponderada. O que supposto, no que eu por ora sómente reparo para ponderar, e com isto remato as acções de sua vida, he em huma acção muy louvavel, que fez, despedin-

O que fez  
largando o  
governo do  
Reyno a  
seu filho  
O valor q  
teve a Rai-  
nha N. S.

2.º P.º L.º Dan.

dose do governo do Reyno, entregando-o ao Senhor Rey D. Affonso o VI. seu filho: e a acção foy a mesma, que fez Judith, como refere o nosso Texto cap 8. Diz este Texto, que aquella famosa Matrona Judith fez para si hum Mosteyro secreto, no qual encerrada, e despedida do mundo, perpetuamente estava occupada em oração, e lição espiritual, acompanhada das suas criadas com traje penitente, e jejum continuo: *Secretum sibi fecit cubiculum, in quo cum ancillis suis clausa morabatur, & habens cilicium jejunabat omnibus diebus vite suae.* Explicando estas palavras S. Pedro Damiaõ diz o seguinte, que

S. Ped. Dam. he muyto para o nosso intento: *Ad hoc usque in sancta religione processerat, ut jam non sola, sed cum ancillis suis fieret eremita, de domo communi reclusorium fecit, & ab urbe solitudinem, & religionem reperit.* Portouse esta desenganada Matrona com tanta perfeição, diz o Santo, que converteo o seu Paço em hum Mosteyro religioso de eremiticas recoletas, com as quaes morava, e na oração sempre assistia, fazendo da Cidade ermo, e da casa commua clausura apertada. Vistes cousa mais propria que esta para o caso presente, do que obrou a Rainha N. S. que Deos tem, quando do governo do Reyno se despedio?

dio? Ora eu não faço mais que cotejar hum com outro caso. Dem-me atenção.

Apenas largou a Rainha N. S. o governo do Reyno, quando logo determinou fazerse morta ao mundo de todo, e sey eu muyto de certo, que já muytos tempos assim comfigo o havia decretado, mas pelos muytos inconvenientes, que se lhe representáraõ, dissimulou a execução deste decreto, e finalmente veyo a resolverse em fazer hum Mosteyro de Religiosas descalças eremiticas recoletas, e recolherse dentro d'elle, e assim o fez com effeyto, fundando o Mosteyrinho de Agostinhas eremiticas descalças em Xabregas, e a elle se retirou com muyto poucas criadas, sem pompa alguma de Rainha, mais que a de qualquer mulher ordinaria, e taõ encerrada, que ninguem mais a vio, nem de fóra com ella fallou, mais que as suas recoletas, com que espiritalmente conversava. Assim viveo aqui tres annos, seguindo todos os apertos de perfeyta Religiosa. Eraõ taõ poucos os criados de seu serviço, que houve dias, em que nem huma criada teve, q̃ lhe trouxesse a horas o jantar da cozinha, porque fiadas no pouco tratamento, que fazia de sua real pessoa, cõmettiaõ estes descuydos, sem ella se

O que fez largando o governo do Reyno a seu filho.

mostrar já mais queyxoza, nem sentida, como se fora insensivel. Os seus jejuns eraõ muy continuos, as esmolos quotidianas, e a oração muy frequente, e taõ grande o seu retiro, que só huma vez por occaliaõ de huma Embayxada, que era força admitilla, foy vista em publico, e ainda secretamente só com o seu Thesoureyro fallava, ou algum criado familiar, a que era necessario dar audiencia. Nunca admittio visita alguma de pessoas ainda da mayor qualidade. Nem huma só janella teve para a rua, e nas que tinha para o mar, já mais se vio pessoa alguma nellas. De maneyra, que antes de morrer assim se fez ao mundo morta, e assim se enterrou viva, juntando o Paço com o Mosteyro, ermo com Cidade, e clausura com Magestade. Oh prodigio! Confesso, que isto me assombra. Que muyto! Quando já David fazendo menos que isto, de si mesmo se admirou. Notem.

Grande  
maravilha  
largar hum  
Rey o Rey-  
no, e ir pa-  
ra hum de-  
serto, ou  
fazello em  
sua casa.

Diz David estas palavras: *Ecce elongavi fugiens, & mansi in solitudine*. Notay, e pasmay; isto significa esta palavra *Ecce* em muytos lugares da sagrada Escritura. Quando o Bautista vio a Deos humanado feyto hum Cordeyro: *Ecce agnus Dei*: Pilatos quando vio a Christo sem figura humana: *Ecce homo*: Christo quando revelou

lou aos Discipulos o que havia de padecer em Jerusalem: *Ecce ascendimus Jerosolymam, & Filius hominis tradetur, &c.* Diz pois David: Notay, e aflombrayvos de que sendo eu hum Rey, fugi da Corte, e parey em hum deserto solitario. De sorte que David se admira de si mesmo por esta acção, que fez taõ extraordinaria: e oh que admiração fizera, se vira nos seus tempos a acção portentosa da nossa Rainha, que fica ponderada! Grande louvor este para ella, mas não está ainda aqui o meu reparo, porque o reparo mayor consiste em dizer S. Vicente de Ferreyra, que não consta de Texto algum sagrado, que David depois de ter o cetro se retirasse a algum monte solitario: *Non legitur, quòd David ex quo coronatus fuit, in desertum fuerit.* Como pois affirma David, que se foy para o deserto? A duvida he boa, mas o mesmo Santo a solta: *Mansit in solitudine camerae suae*, diz o Santo. Foy David para o deserto, quando vendo que era forçado não largar o cetro, e o governo, fez do Paço deserto, occupandose em oração, e penitencias na camera, em que dormia fechado, unindo por este modo a Magestade de Rey com o retiro de Religioso, e isto he o de que David tanto se admira: *Ecce elongavi fugiens, & mansi*

*mansi in solitudine.* Esta mesma admiração fez já Socrates vendo o Emperador Theodosio retirado no Paço, como que estivera metido em hum Mosteyro: *Palatium sic disposuit, ut haud alienum esset à Monasterio.* Isto mesmo pois he, o que hoje muyto me admira, e affombra, e com muyto mayor razaõ, ver que a Rainha N. S. que Deos tem, não só tivesse valor para largar o governo do Reyno, e aborrecello, mas que foubesse juntar o Paço com Mosteyro, e converter em Mosteyro o Paço, ficando como hum deserto, unida a clausura com a liberdade, a regia pompa com o aperto religioso, bem assfim, ou muyto melhor, que aquella famosa Judith do nosso thema: *Secretum fecit sibi cubiculum in superioribus domus suae, in quo clausa morabatur cum ancillis suis.*

A mortifica-  
ção que  
havia no  
Paço.

Ainda nisto noto outra circumstancia, que houve neste seu retiro, e ainda no tempo, em que no Paço morava, já entãõ o havia, de que eu sou boa testemunha, e he, que em qualquer das Damas, e mais criadas de sua casa se vio sempre huma particular, e notavel modestia com huma sezudeza, e brandura taõ admiravel, que mais parecia de Religiosas, que não de seculares: e não cuydeis que he isto encarecimento,

cimento , porque por algumas vezes me succedeo ir fallar a Damas , ou Donas do Paço , e sahi mais edificado , e confuso , do que se sahi-  
 ra de huma Cartuxa , e confesso ingenuamente , que algumas vezes bem envergonhado de mim mesmo ; e Dama conheci eu , que por debayxo das galas palacianas andava cingida com hum aspero cilicio , e outras com braceletes de ferro. No mais alto da noyte se ouviaõ disciplinas largas em os cantos do Paço , nas mãos se traziaõ livros espirituaes , e as praticas entre todas eraõ sobre a oração , sem se fallar huma palavra menos licenciosa , e se alguma galanteria acaço se dizia , era logo de outras muy estranhada : em conclusaõ , tal era a reformaçaõ da vida ainda nos criados de fóra, e com tanta cortezia tratavaõ a todos os pertendentes , e com tanta brandura , que posso dizer pareciaõ mais noviços Religiosos , que seculares palacianos. Naõ especifico alguns particulares por naõ offender o geral de todos , e só digo , que he isto tudo grande credito , e abono da Rainha N. S. pois he certo que os criados tomaõ o exemplo de seus amos. Dizeme com quem vives , dirte-  
 hey quem es : *Regis ad exemplum totus componitur orbis.* Assim passa , e eu o mostro em hum Texto sagrado.

Taes saõ  
 os criados,  
 quaes saõ  
 os amos.

Man-

Mandou Deos a Noé que entrasse na arca , e toda a sua familia com elle : *Ingrederere tu , & omnis familia tua* , e logo Deos apontou a razaõ : *Te enim inveni justum* : Porque eu achey , que eras justo. Repara nisto Santo Ambrosio difficultando assim. Se Deos diz , que só a Noé achou justo , e que por isso entra na arca , como manda entrar a mais familia , de que não consta ser justa ? Entre embora Noé , mas os mais não entrem. Oh ! Não , responde o mesmo Santo. Todos haõ de entrar por justos , pois Noé por justo entra , porque sendo Noé o Senhor da casa justo , não podiaõ deyxar de ser justos todos os familiares da sua casa : *Laudem justis in eo intelligimus , qui talem instituit domum suam , ut virtutis fulgeret consortio*. Por isso Christo manda que cada hum de nós o siga com sua Cruz : *Qui vult venire post me , tollat crucem suam , & sequatur me* ; porque como he Principe supremo , e vay diante com a Cruz , quer que a seu exemplo todos com Cruz o sigamos. Este exemplo diz S. Jeronimo que foy hum dos mayores louvores , que pode darse àquella famosa Matrona Judith : *Ingens laus ! Imitabilem Deus dedit non solum fæminis , sed etiam viris*. Da mesma sorte na nossa Judith Portugueza a Rainha N. S. grande louvor merece ,

S. Amb.

S. Jeron.



rece, muy devido lhe he todo o applauso pelo exemplo, que deo a todo a sua real familia naõ só em o tempo de casada, mas inda mais no de viuva, e muyto mais com todo o excessõ depois que se despedio do governo do Reyno, ficando sendo, como diz S. Jeronymo, imitavel exemplar de Rainhas soberanas: *Imitabilem Deus dedit non solum fœminis, sed etiam viris*, e com isto temos concludido em epilogo abbreviado as heroicas acçoens da sua vida, a que podia dar lugar o apertado tempo desta minha lamentação lacrymosa, com as quaes acçoens creyo, que ficará nos annaes da fama eternizada melhor que Judith em todo Israel, como diz o nosso thema: *Judith præclarior erat in universa terra Israel.*

*Defuncta est, ac sepulta in Bethulia.* Diz o nosso thema, que por ultimo remate de tudo morreo Judith, e foy sepultada na Cidade de Bethulia. Notavel caso! Que naõ perdoasse a morte a huma taõ afamada Matrona, e em tudo taõ perfeyta, sem reparar em seu sangue, em seu valor, nem em sua virtude, e conveniencia do povo! Grande rigor! Que sendo a Rainha nossa Senhora aquella, que tenho dito, se lhe atrevesse a morte, e lhe naõ valesse a coroa, nem

E a vir-

a virtude, nem o valor, nem a nossa dependência! Ah morte! Oh mundo! Oh vida! Quem te teme, ou te estima? Este he o poder da morte, que a nada perdoa, e aos mais levantados tronos se atreve: *Nullum seve caput Proserpine fugit*, disse já hum gentio, e outro disse: *Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas, Regumque turres*. Quem mais virtuoso que Moysés, pois fallava com Deos taõ confiado, como cà falla hum amigo com outro: *Sicut loqui solet amicus ad amicum suum*? E com tudo morreo para desengano dos justos, diz a Glossa: *Quia nulli etiam ex electis parcit*. Quem mais valente que o alentado Mathathias, e o valeroso Samsaõ, pois com huma caveyra de hum bruto matou tantos mil homens, e lançou abayxo as colunas do templo, e com tudo morreo para desengano de valentes, disse S. Ambrosio: *Humatus est proprio tectus triumpho*. Quem de fangue mais real do que Christo Filho de Deos vivo, como testemunhou S. Pedro: *Tues Christus Filius Dei vivi*? Porèm tambem morreo para desengano de illustres, e de Reys, que por isso Deos mandou, que no mesmo tempo, em que os Reys se coroaassem, tambem se ungissem. Por esta ley pois taõ inviolavel: *Moritur omne, quod nascitur*, se

se atrevo a morte á Rainha N. S. tirando-a de  
 nossa companhia: *Tandem defuncta est*, e sepul-  
 tando-a debayxo da terra: *Et sepulta est*. Oh que  
 de cousas tão admiraveis podéra eu referir ago-  
 ra acerca de sua morte, e disposição para ella!  
 Porém a brevidade do tempo me não dà lugar  
 para ellas, e assim ponderarey só algumas, que  
 succedéraõ no conflicto de sua morte, que são  
 muy dignas de reparo.

Estava a Rainha N. S. quasi espirando, quan-  
 do acabando de receber a santa Unção, levan-  
 tando os olhos ao Ceo, e com as mãos levanta-  
 das disse estas palavras: Bemdito sejais meu  
 Deos, pois morro com todos os meus cinco  
 sentidos, venha embora já agora a morte, pois  
 me apanha com todos os Sacramentos da Igre-  
 ja. E estas foraõ as ultimas palavras, que disse  
 antes de espirar. Oh que admiraveis palavras, e  
 de toda a ponderação muy dignas! A primeyra  
 ponderação, que nisto faço, he dar a S. Rainha  
 graças a Deos, porque morria conhecendo a  
 morte: e com muyto fundamento; porque não  
 póde haver morte mal afortunada com este  
 previo conhecimento: he esta morte propria  
 de hum predestinado, he morte muy luzida, e  
 gloriosa, não para acabar, mas para renascer.

O modo  
 com que  
 morreo a  
 Rainha  
 N. S.

Morre muyto luzido quem morre conhecendo de antes a morte.

Notem a morte do Sol. Morre para nós o Sol, quando no Occidente se poem, e em tumulo cristallino se sepulta, e se bem advertirdes, vereis, que então mais seus rayos espalha; nunca mais os estende, que quando assim morre, e de tal forte para nós morre, que aos antipodas nasce, e se hoje para nós morre, á manhã para nós renasce feniz sempre luzido, juntando por este modo o tumulo com o berço. Agora pergunto: Porque succederá isto assim na morte do Sol? David o diz: *Sol cognovit occasum suum.* O Sol morre conhecendo a sua morte, e como com este conhecimento morre, por isso morre tão luzido. Da mesma forte todo o vivente, que morre conhecendo a morte, porque morre com propriedade de Sol muy luzido, morre para renascer, e não para acabar. Assim morreo a Rainha N. S. porque morreo com todos os seus cinco sentidos, conhecendo que morria, e por isso bem podemos crer, que foy a sua muy luzida como o Sol: morreo na terra, para renascer no Ceo com melhor vida, e assim com muyta razaõ deo graças a Deos por morrer com todos os seus cinco sentidos, tendo pleno conhecimento de sua morte.

Outra ponderação me offerecem as seguintes

tes

tes palavras, que disse, e foraõ estas: Venha já agora a mortê embora. Pergunto: Como assim? Já ha creatura, que não tema a morte? Chamou a Senhora Rainha a morte como que a não temia? Diz que venha embora a morte? Oh caso novo! Mas já delle me não admiro, quando vejo, que conheceo, como fica ponderado, a sua morte, e declara, que a morte a apanha com os Sacramentos da Igreja, porque quem morre com estas duas circunstancias, he certo, que não teme a sua morte. Christo S.N. he testemunha fiel desta verdade. Estava o meu amorosissimo Senhor nos braços de huma Cruz pregado entregando o espirito nas mãos de seu Eterno Padre, e neste tempo inclinou para morrer a cabeça: *Et inclinato capite emisit spiritum.* Que o Senhor inclinasse a cabeça depois da morte, isto vemos nós fazer naturalmente a todos, mas que antes de espirar incline a cabeça para morrer, isto he o que não entendo por novidade. Muyto he o que se tem discursado sobre esta mysteriosa inclinação, e muyto nisto tenho dito. O commum dizer he, que acenou Christo com a inclinação da cabeça à morte, para que chegasse, porque estava a morte medrosa. Bé; mas agora entra nova duvida. E porque estaria

Christo

Naõ teme a morte quem morre com os Sacramentos da Igreja.

Christo taõ alentado , que nesta occasiaõ chamou a morte destemido? Direy. Tinha o Senhor hum anticipado conhecimento de sua morte: *Sciens Jesus quia venit hora ejus*, e estava com os Sacramentos dentro do peyto: *De latere Christi exierunt Sacramenta*, e como o Senhor estava assim armado, por isso naõ temeo a morte, e a chamou destemido: *Inclinato capite*. Morreo a Rainha N. S. conhecendo anticipadamente a sua morte, e estando com todos os Sacramentos da Igreja recebidos, pois que muyto que destemida disse: Venha embora agora a morte? Eis-aqui as duas circunstancias, que teve a morte da Rainha N. S. *Defuncta est*.

A ultima ponderaçãõ, que faço nesta morte, he sobre o modo da sepultura, porque deyxou em seu testamento declarado, que o seu corpo fosse sepultado onde quizessem seus filhos, os quaes dispuzeraõ que fosse o seu corpo depositado na Igreja nova do Sacramento. Oh prodigio maravilhoso! Que morra a Rainha de Portugal taõ desapegada de tudo o da terra, que nem sete palmos certos tenha della para sua sepultura! Verdadeyramente, que só em Christo Rey do Ceo, e da terra acho açcaõ semelhante, pois sendo Rey supremo do mundo todo,

nem

nem huma sepultura propria teve, e foy enter-  
 rado em huma sepultura alhea: *Posuit illum in*  
*monumento suo.* Joseph o depositou na sua sepul-  
 tura, e notem que era sepultura nova: *In quo*  
*nondum quisquam positus fuerat.* Da mesma forte  
 a Rainha N. S. foy depositada em huma sepul-  
 tura nova da Igreja nova, e com particular myf-  
 terio da divina providencia, porque como a  
 Rainha N. S. foy fundadora desta nova Igreja  
 intitulada do Sacramento em acção agradecida  
 do miraculoso successo, que o divinissimo Sa-  
 cramento obrou, quando livrou ao Senhor Rey  
 D. Joáo o IV. da sacrilega, e torpissima tray-  
 ção, com que se intentou darlhe violenta mor-  
 te, foy justo juizo do mesmo Senhor, que ti-  
 vesse descanso o corpo de quem levantou hum  
 tão sumptuoso edificio a seu corpo sacramenta-  
 do, porque assim costuma pagar na terra este  
 Senhor a quem honra seu corpo na terra. Diz  
 hum Evangelista, que resuscitou Christo, e as  
 santas Marias o forão buscar ao sepulcro muy-  
 to de madrugada: *Valde mane*: outro diz que  
 ainda se viaó as estrellas no Ceo: *Cum adhuc tene-*  
*bræ essent*: outro diz que já era o Sol nado: *Orro*  
*jam Sole.* Muyto trabalhaó os sagrados Expositores  
 para conciliarem estes Textos Euangeli-  
 cos,

Morreo  
 sem ter se-  
 pultura  
 propria.  
 Grande  
 prodigio de  
 Rainha.

Paga Deos  
 no Ceo co-  
 mo o servê  
 na terra.

Saõ Pedro  
Chryf.

cos, e ordinariamente convém com S. Pedro Chryfologo, q̄ naturalmente segundo o curso do Sol ainda era muyto de noyte, porém nesta madrugada se adiantou o curso tres horas antes do costumado: *Christo resurgenti Sol valde antelucanus fuit.* Pergunto agora. E porque se adiantou o Sol no curso tres horas antes? E porque senaõ adiantou mais, ou menos tres horas? Direy. Tinha o Sol por honra do corpo de Christo crucificado perdido na festa feyra tres horas do seu luzimento: *Tenebræ factæ sunt ab hora sexta usque ad horam nonam super terram,* e como isto assim fosse, quiz este mesmo Senhor, que pelo respeyto do seu corpo resuscitado restaurasse o luzimento perdido, honrando-o por este modo; e isto mesmo similitudinariamente he o que hoje vemos por juizo divino na sepultura da Rainha N. S. depositada na Igreja sua nova: *Sepulta est in Bethulia.*

O que agora resta, he fazermos todos o que lá fizeraõ os moradores de Bethulia á sua famosa Matrona Judith: *Luxitque illam omnis populus.* Chorarmos esta ausencia da nossa querida Rainha junto ao seu sepulcro, e áquelle tumulo representação d'elle, dizendolhe com Jeremias: *Defecit gaudium cordis nostri, versus est in luctum chorus*

Jer. Thren.  
5.



*chorus noster, cecidit corona capitis nostri*; e as melhores lagrimas são as que melhor voação ao Ceo, que são os nossos suffragios, orações, e boas obras, com que pagaremos as que da nossa Serenissima Rainha recebemos todos. E vós, ó alma ditosa, que assim mostrastes presumpções de predestinada, e piamente creyo, que cedo ireis com a ajuda de tantos suffragios, quantos em todo o Reyno se vos tem feyto, gozar da visão beatifica por toda a eternidade; lembrayvos deste vosso Reyno, e de vossos Vassallos, e principalmente do Senhor Rey vosso filho, que nos governa, e todos agora lhe rezeamos cinco Padre nossos por sua alma com hum *Requiescat in pace.*



chorus noster, cecidit corona capitis nostri; e as me-  
 lhores lagrimas são as que melhor vòdo ao Ceo,  
 que são os vossos suspirios, orações, e boas  
 obras, com que pagaremos as que da nossa se-  
 renissima Rainha recebemos tohas. E vós ó al-  
 ma d'ella, que assim mostrastes prestumpçoes  
 de predestinada, e piamente creyo, que cedo  
 ireis com a ajuda de tantos suspirios, quantos  
 em todo o Reyno se vos tem feyto, gozar da  
 vida beatifica por toda a eternidade; sem-  
 par vos delle vosso Reyno, e de vossos Vassal-  
 los, e principalmente do senhor Rey vosso ri-  
 lho, que nos governa, e todos agora lhe rexe-  
 mos cinco Padre Rollos por sua alma, com  
 duas Requiem's por cada um d'elles, e com

